



Passarinho autorizou a entrega de documentos sigilosos apenas às instituições indicadas no relatório de Roberto Magalhães

Difícil vai ser controlar o “estrelismo”

O Congresso Nacional pode até evitar o “vazamento” de documentos e a divulgação de informações incorretas que prejudicam o processo de investigação realizado pelas CPIs, mas não impedirá os “furos” de notícias que têm como canais os próprios parlamentares. “Os vazamentos de informações sigilosas tornam-se inevitáveis, porque existe uma luta permanente pelo estrelismo”, criticou o senador Jarbas Passarinho, que durante 90 dias lidou com as denúncias bombásticas e trapalhadas de parlamentares, no comando da CPI do Orçamento.

Por diversas vezes, Passarinho teve problemas súbitos de saúde e se irritou muito com o “interesse excessivo” de alguns integrantes da CPI em “vazar” informações. “Houve prejuízos sensíveis para a CPI”, revelou Passarinho, citando como um exemplo a “precipitação” do deputado Luiz Salomão (PDT-RJ) em querer criar dificuldades para o deputado João Alves durante sua inquirição. Salomão soltou a notícia de que havia descoberto “o novo Eriberto França”, um moto-

rista de João Alves que poderia colaborar para que a CPI incriminasse definitivamente o parlamentar que comandava a máfia do Orçamento.

Exatamente 48 horas depois do grito de Salomão, a opinião pública assistiu a um depoimento hilário, em que o motorista Eli Lopes Leitão desmentiu três integrantes da CPI, sofreu um súbito ataque de amnésia e negou todas as acusações. A CPI perdeu uma boa chance de incriminar, naquele momento, o deputado João Alves, por causa da “pressa” de Salomão. É que, entre a notícia da descoberta do novo Eriberto e o depoimento em que ele negava tudo, foi descoberto um cheque de João Alves para o motorista, segundo revelou Passarinho.

Pressão — Um dos “vazamentos” mais graves, segundo Passarinho, foi o da existência de dois cheques do deputado Genebaldo Correia, um dos anões do Orçamento, para o deputado Ibsen Pinheiro. “Essa informação deveria ter sido guardada sob sigilo até o depoimento de Ibsen. Ele teve tempo de combinar com Genebal-

do, a explicação foi inconsistente, mas atrapalhou nosso trabalho”, lembra ele. Mas o primeiro “vazamento” que fez oscilar a pressão arterial do presidente da CPI foi a diligência na casa do economista José Carlos Alves dos Santos.

Passarinho autorizou a diligência, por orientação do próprio advogado de José Carlos, para apreender documentos essenciais à investigação e a mala de dólares escondida. “Antes mesmo de chegarem de volta, o Gilberto Miranda (senador) e o Mercadante (deputado) passaram à imprensa”, conta Passarinho.

Entretanto, a notícia que mais causou frisson foi a descoberta de um poder paralelo, pelo senador José Paulo Bisol, ao fazer uma diligência com a Polícia Federal na casa do diretor da Odebrecht, Ailton Reis, e apreender os famosos documentos da construtora. Nem Passarinho nem o relator Roberto Magalhães foram informados da diligência. As cópias dos documentos foram feitas naquele fim de semana no próprio Senado, e eles só tomaram conhecimento

quando a notícia já havia explodido. “O Bisol detonou uma bomba quando confundiu o organograma da Odebrecht com o de um possível poder paralelo nas entranhas do Executivo e Legislativo”.

Irritação — A irritação não parou por aí. Passarinho chegou a suspender reuniões de trabalho da CPI por causa das trapalhadas. No início das investigações em cima do governador Joaquim Roriz, Passarinho foi informado pelo noticiário da TV de que Bisol conseguira uma fita gravada, num encontro sigiloso ocorrido no Parque da Cidade, que denunciava as falcatruas do secretário particular do governador, Fábio Simão.

“Nossa experiência de 90 dias mostrou que uns usaram o cenário da CPI como palanque individual, e outros se beneficiaram dela para uma disputa partidária”, avalia Jarbas Passarinho. “Era muito comum eu receber pedido de diligência do deputado Mercadante, e logo em seguida o mesmo pedido coletivo encaminhado pelo deputado Salomão. O que eles não previram, nesta luta partidária, é que isto até facilitava o meu trabalho”, comenta Passarinho.